



SIMÓES DE ASSIS



SIMÓES DE ASSIS

Thalita Hamaoui

Gaia: seu corpo, sua carne, seu sopro

Gaia: her body, her flesh, her breath

curadoria curatorship

Priscyla Gomes

abertura opening

terça, 31 de janeiro das 18h às 21h

tuesday, january 31 from 6pm to 9pm

31.01 - 25.02.2023

São Paulo

rua sarandi 113a

01414-010 sp brasil

+55 11 3063-3394

Gaia: seu corpo, sua carne, seu sopro

No início, éramos todas e todos o mesmo ser vivo. Compartilhamos o mesmo corpo e a mesma experiência [...] Multiplicamos as formas e maneiras de existir. Mas ainda hoje somos a mesma vida. Há milhares de anos, essa vida transmite-se de corpo em corpo, de indivíduo em indivíduo, de espécie em espécie, de reino em reino.

Emanuele Coccia, Metamorfoses.

O que há de mais íntimo e incomunicável em nós pode também provir de outrem, são resquícios, dados de memória e matéria que perpetuam outras formas passadas de vida. Refletir sobre esse estado de constante mutabilidade não só nos permite ver quão intercambiantes e interrelacionais somos, como retira do ser humano sua pretensa condição de centralidade: há uma continuidade que conjuga indivíduos, espécies, contextos, paisagens, a ponto de interligar a ínfima parte ao todo, a vida e a morte.

Sob esse viés, é possível considerar também nossas implicações e conexões com os territórios que ocupamos. Essas metamorfoses constantes nos permitem compreender que somos parte constitutiva das paisagens que habitamos e construímos, não somente pela ação direta nesses lugares, mas pela transmissão de memórias ancestrais resgatadas. A ideia de pertencimento extrapola os limites geográficos para também produzir significados em dimensões subjetivas.

Thalita Hamaoui ancora-se nessas dimensões subjetivas para construir suas paisagens ficcionais. A artista extrapola os limites do cientificismo e do figurativismo, abdicando da observação ou da fidelidade de representação de espécies botânicas conhecidas e de lugares reais. Por meio de um processo de resgate memorial e imaginativo, dá vida a paisagens repletas de organicidade e de uma ânsia por novos limites e extensões.

A visita ao seu ateliê revela como lado a lado, cada tela parece, por contágio, transpor-se uma à outra, seja pela repetição de um gesto, de uma forma, seja pelo caráter evocativo de sua paleta. Cada fragmento escolhido pela artista assume uma configuração instável e fluida, como se pudesse transitar de um trabalho a outro, da pintura para a artista, de seu corpo para o observador. Suas paisagens são resultado de uma incessante metamorfose que a inclui – faz da própria artista, de sua memória e ancestralidade, partes constituintes desse universo.

Engana-se aquele que atribui a fluidez de alguns elementos um gesto fortuito, impensado, que tem como característica primordial vencer e preencher as grandes superfícies que Hamaoui escolhe.

Na realidade, a escala desses trabalhos, de cada gesto, é parte simbiótica de seu corpo em contato com a tela, num exercício constante de fusão e distanciamento, pulsão e análise, ritmo e respiro.

É nessa simbiose que a artista rompe com os convencionalismos do gênero, criando paisagens destituídas de horizonte, de um dado representacional e constitutivo que pudesse localizar o observador nesse emaranhado de espécies. As matas fabuladas de Hamaoui nos convidam a nos embrenharmos, nos fundirmos. São magnéticas. Em certa medida, trazem uma camada de sensualidade, de uma atmosfera úmida e cálida, e lidam com a ideia de friccionar materiais de naturezas distintas, como a tinta a óleo, o bastão e o lápis. Minuciosamente, Hamaoui também escolhe cada tecido que abrigará a pintura, atenta-se à especificidade das fibras de linho ou do algodão cru e o comportamento destes diante dos materiais que usualmente utiliza no processo pictórico.

A dimensão atemporal constitutiva dos trabalhos torna difícil discernir se essas matas atlânticas evocadas pela artista são resquícios de um estrato geológico, de camadas soterradas de vida que habitaram outrora e hoje ressurgem em suas paisagens, ou se são parte integrante de algo por vir. Esses estratos são espécies de lençóis de passado que acumulam-se em regiões da tela, como se pudéssemos extraí-las dessas camadas algo novo e vivaz.

As metamorfoses de Hamaoui são, em suma, formas fecundas que se espalham e extrapolam inclusive os limites do pictórico. Mesmo ausentes do campo representacional, nossos corpos aderem-se às suas paisagens, reconhecem intuitivamente grande parte da flora ali presente. Passam de uma existência a outra, de espécie a espécie, da célula à Gaia. Como uma polinização, basta um sopro para permitir que essas formas se conectem, dando vida, mais uma vez, à magia do inesperado.

Priscyla Gomes



Gaia: her body, her flesh, her breath

In the beginning, we were all the same living being. We shared the same body and the same experience. [...] We have multiplied forms and ways of existing. But still today we are the same life. For millions of years, this life has been transmitted from one body to another, from one individual to another, from one species to another, from one realm to another.

Emanuele Coccia, *Metamorphoses*.

The most intimate and untransferable things within us can also derive from others – remnants, memory information and matter that perpetuate other past forms of life. Reflecting on this state of constant mutability not only allows us to see how interchangeable and interrelated we are, but also removes from humans their supposed central condition: there is a continuity that conjugates individuals, species, contexts, landscapes, to the point that an infinitesimal part is interconnected to the whole, as life is to death.

Under this perspective, we can also consider our implications and connections with the territories we occupy. These constant metamorphoses allow us to comprehend that we are a constitutive part of the landscapes we inhabit and built, not only through our direct actions, but also through the transmission of recovered ancestral memories and remembrances. The notion of belonging extrapolates the geographical limits in order to also produce meaning in subjective dimensions.

Thalita Hamaoui bases her work on these subjective dimensions to develop her fictitious landscapes. The artist surpasses the limits of scientism and figurativism, renouncing observation and the truthful representation of actual places and known botanical species. By recovering imaginative memories, she gives life to landscapes filled with organicity and a yearning for new limits and extensions.

A visit to her studio reveals how side by side, each canvas seems, by contagion, to transpose images from one to another, whether by the repetition of a gesture, a shape, or by the evocative aspect of her color palette. Each fragment chosen by the artist takes on an unstable and fluid configuration, as if it could move from one work to the other, from the painting to the artist, from her body to the beholder. Her landscapes are the result of an incessant metamorphosis that includes herself – turning the artist, her memory and her ancestry, constitutional parts of this universe.

It would be a mistake to attribute the fluidity of some of the elements in these paintings to fortuitous unintended gestures, which would surmount and fill the large surfaces Hamaoui chooses.

In reality, the scale of these pieces, of each gesture, is a symbiotic relation of her body in contact with the canvas, in a constant exercise of merging and distancing, impulse and analysis, rhythm and breath.

It is in this symbiosis that the artist breaks away from the conventionalism of the genre, creating landscapes without horizons, without representational information that could locate the beholder of these entangled species. The forests invented by Hamaoui invite us to bury ourselves and merge with them. They are magnetic. To some degree, they elicit a layer of sensuality, of a humid and warm atmosphere, while dealing with the notion of tensioning materials of distinct natures, like oil paint, oil stick and pencil. Hamaoui also carefully chooses the fabrics that will harbor her paintings, observing the specificities of the linen or raw cotton fibers, and their behavior in the face of the materials she usually employs in her pictorial process.

The constitutive timeless dimension of the works makes it difficult to discern whether these Atlantic forests evoked by the artist are remnants of a geological stratum, of buried layers of life that inhabited our past and today reemerge in her landscapes; or if they are an integral part of something that is yet to come. These layers are like sheets of the past that accumulate in regions of the canvas, as if we could extract something new and lively from them.

Hamaoui's metamorphoses are, in short, fertile shapes that spread and even extrapolate pictorial limits. Even if we are absent from the representational field, our bodies adhere to her landscapes, intuitively recognizing a large part of the depicted flora. They move from one existence to another, from species to species, from cell to Gaia. Like a pollination process, a breath is all it takes to allow these shapes to become connected, giving life, once again, to the magic of the unexpected.

Priscyla Gomes





Descobertas, 2022

óleo e bastão oleoso sobre algodão

oil and oily stick on cotton

32 x 42 cm (com moldura)

12 19/32 x 16 17/32 in (with frame)

Bosque dos mistérios, 2023
óleo e bastão oleoso sobre tela
oil and oily stick on canvas
302 x 202 cm
118 $\frac{57}{64}$ x 79 $\frac{17}{32}$ in







Hoiá Baciu (Floresta Baciu), 2023
óleo e bastão oleoso sobre tela
oil and oily stick on canvas
422 x 202 cm
166 9/64 x 79 17/32 in





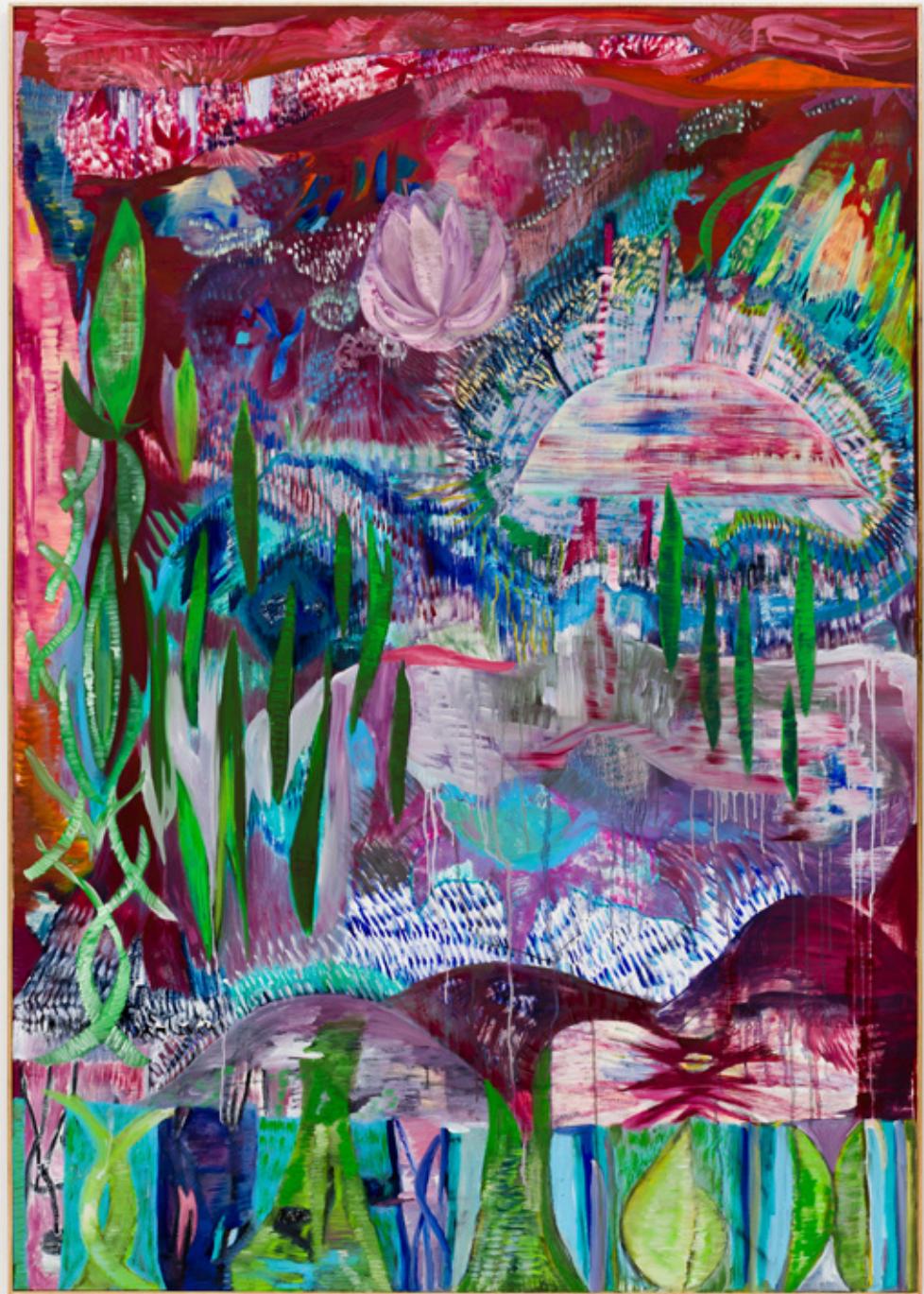
Terrinha, 2022

óleo e bastão oleoso sobre tela
oil and oily stick on canvas

122 x 122 cm

48 1/32 x 48 1/32 in

Viva Jorge, 2022
óleo e bastão oleoso sobre tela
oil and oily stick on canvas
202 x 142 cm
 $79 \frac{17}{32}$ x $55 \frac{29}{32}$ in







Nuvem Rosa, 2023
óleo e bastão oleoso sobre linho
oil and oily stick on linen
202 x 247 cm
79 17/32 x 97 1/4 in



Una, 2023

óleo e bastão oleoso sobre linho
oil and oily stick on linen
202 x 247 cm
 $79 \frac{17}{32}$ x $97 \frac{1}{4}$ in









Leve e forte, 2022

óleo e bastão oleoso sobre tela
oil and oily stick on canvas
102 x 82 cm
40 5/32 x 32 9/32 in



O Salto II, 2023

óleo e bastão oleoso sobre algodão
oil and oily stick on cotton

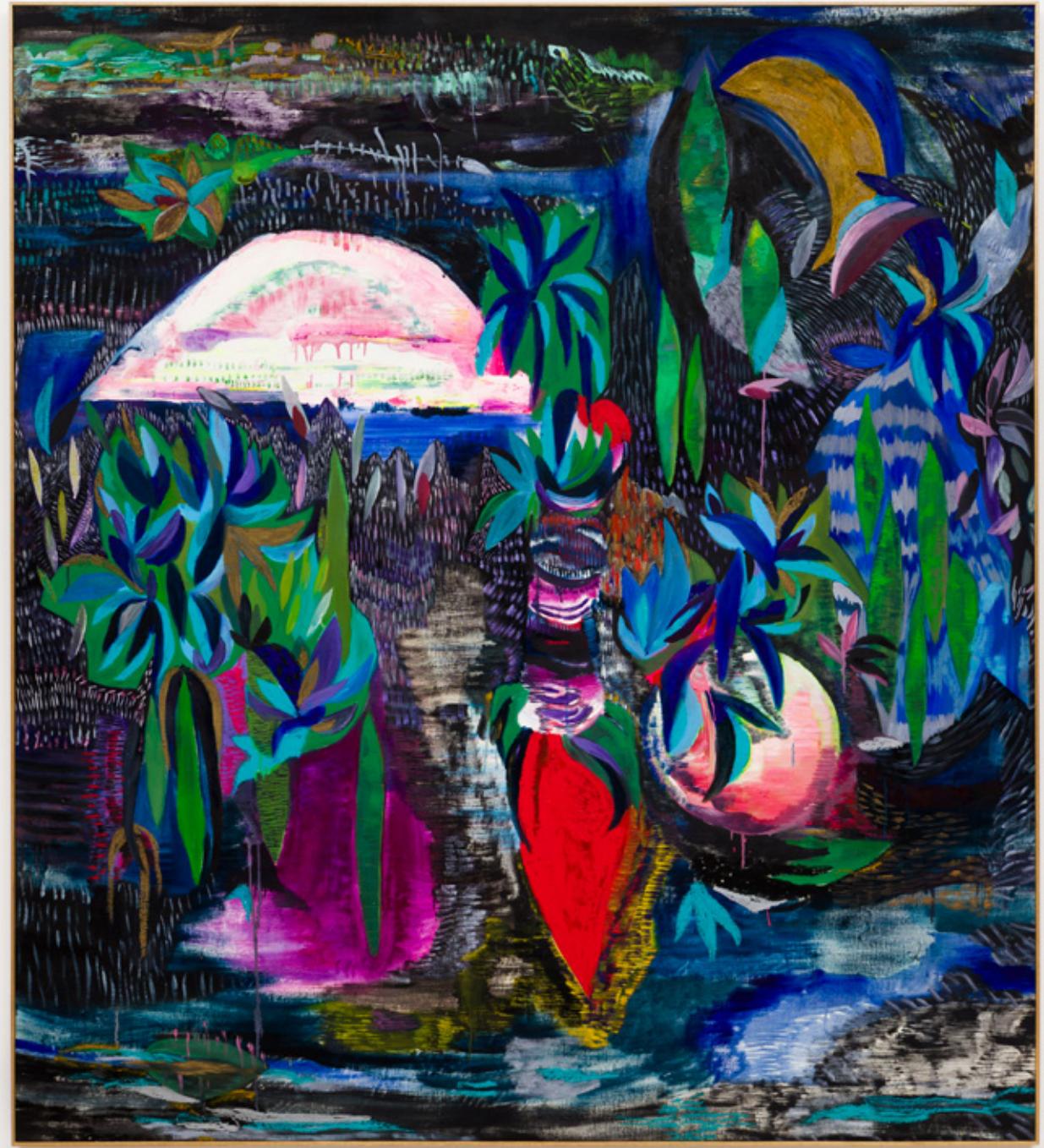
160 x 142 cm

62 63/64 x 55 29/32 in





O Salto I, 2022
óleo e bastão oleoso sobre algodão
oil and oily stick on cotton
163 x 143 cm
64 11/64 x 56 19/64 in



Noite Preta, 2022

óleo e bastão oleoso sobre linho

oil and oily stick on linen

215 x 192 cm

84 41/64 x 75 19/32 in





Thalita Hamaoui (São Paulo, 1981) formou-se em artes plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado, em 2006, sob a orientação de Sandra Cinto, com pesquisa no campo da escultura. Integrou grupos de estudos e acompanhamento com artistas como Bruno Dunley, Marco Gianotti, Rodolpho Parigi e Regina Parra, além de ter participado, em 2018, do programa de residência artística do Pivô. No início de sua trajetória, dedicou-se longamente à estamparia, atividade que sempre a influenciaria. Foi com o design têxtil que suas formas orgânicas começaram a surgir, sendo seu principal interesse a dedicação demorada ao desenho e às cores dos tingimentos.

Em 2013, Hamaoui passou a focar mais sua pesquisa na pintura, por meio da aquarela e do guache. Todavia, foi na experimentação com tinta a óleo que a artista atingiu a potência de sua gestualidade. Em seus primeiros trabalhos no meio, elementos como casas e pessoas ainda habitavam formalmente as composições, mas sempre de maneira secundária – a paisagem completamente tomada pela natureza já era sua personagem central. Essas paisagens que ainda hoje constrói são fantásticas, quase delirantes, nas quais formas orgânicas se apresentam em cores intensas e camadas de diferentes texturas, criando uma atmosfera inebriante.

Suas telas são normalmente produzidas de maneira simultânea, tornando por completo as paredes do ateliê. Algumas demoram meses até serem resolvidas, enquanto outras são finalizadas com muita urgência, imediatamente. Hamaoui nunca abandona um trabalho. Ao iniciar duas ou três pinturas ao mesmo tempo, cria um diálogo formal entre elas, que se tornam paralelamente singulares e integrantes de um todo. Dessa forma, a artista vai elaborando um repertório imagético que se repete, mas também se renova, como quem cria um vocabulário próprio dentro das paisagens internas que se erguem pela tinta. Essas formas também são vivas, sempre na iminência da transformação, e provocam movimentos constantes do olhar, que passeia e circula de maneira fluida pela superfície, sem muito distinguir figura e fundo.

Thalita Hamaoui foi selecionada pelo edital do Centro Cultural São Paulo de 2017, realizando “Um Passo Irreparável”, sua primeira exposição individual. Entre outras mostras solo estão “Virá”, Simões de Assis, Curitiba; “A Borda do Mundo” (2020), Galeria Nave, e “Oferenda” (2019) no ateliê Marilá Dardot, com acompanhamento crítico da artista e de Cristiana Tejo – ambas em Lisboa, Portugal. Dentre participações em coletivas destacam-se “Mãe”, 55 SP Espaço Cama, São Paulo; “Mothering” (2022), Kupfer Project, Londres; “Emotional Landscapes” (2021) com curadoria de Gisela Gueiros; “Um retrato para um novo mundo” (2021), Casa da Luz, São Paulo; “Mutirão”, Now here (2021), Lisboa; “The Land of no evil” (2019), Off Shoot Gallery, Londres; Infinitess (2019), Lazy Susan Gallery, Nova York; “Zona de coexistência” (2019), um diálogo com a coleção de Duda Miranda, “Áurea” (2018), LÁFF, Hamburgo e “Procession” (2016), Folley Gallery, Nova York.

Thalita Hamaoui (São Paulo – 1981) graduated from Fundação Armando Alvares Penteado, in 2006, under the guidance of Sandra Cinto, with a focus on sculpture. She joined study and mentoring groups with important artists such as Bruno Dunley, Marco Gianotti, Rodolpho Parigi and Regina Parra, in addition to having participated, in 2018, in Pivô's artistic residency program. At the beginning of her career, she dedicated a long time to textile printing, an activity that would always influence her. It was with textile design that her organic shapes began to emerge, her main interest being the time-consuming dedication to the drawing and the colors of the dyes.

In 2013, Hamaoui began to focus her research on painting, through watercolor and gouache. However, it was experimenting with oil paint that the artist reached the power of her gestures. In her first works with the medium, elements such as houses and people still formally inhabited the compositions, but always in a secondary way – the landscape completely taken over by nature was already her central character. The landscapes that she still builds today are fantastic, almost delirious, in which organic forms present themselves in intense colors and layers of different textures, creating an intoxicating atmosphere.

Her canvases are normally produced simultaneously, completely covering the walls of the studio. Some take months to be resolved, while others are finalized with great urgency, immediacy. Hamaoui never leaves a work behind. By starting two or three paintings at the same time, she creates a formal dialogue between them, which become, in parallel, singular and integral to a whole. In this way, the artist develops an imagery repertoire that is repeated, but also renewed, as if creating a vocabulary of her own within the internal landscapes that are raised in paint. These shapes are alive, always on the verge of transformation, and provoke our eyes to constantly move, wander and circulate fluidly across the surface, without distinguishing figure and background.

Thalita Hamaoui was selected in the 2017 open call of Centro Cultural São Paulo, showing “Um Passo Irreparável”, her first solo exhibition. Among other solo shows are “Virá”, Simões de Assis, Curitiba; “A Borda do Mundo” (2020) at Galeria Nave, and “Oferenda” (2019) at the studio of Marilá Dardot, with critical mentoring by the artist and Cristiana Tejo – both in Lisbon, Portugal. Among collective participations, the following stand out “Mãe”, 55 SP Espaço Cama, São Paulo; “Mothering” (2022), Kupfer Project, London; “Emotional Landscapes” (2021) curated by Gisela Gueiros; “Um retrato para um novo mundo” (2021), Casa da Luz, São Paulo; “Mutirão”, Now here (2021), Lisbon; “The Land of no evil” (2019), Off Shoot Gallery, London; Infinitess (2019), Lazy Susan Gallery, New York; “Zona de coexistência” (2019), in dialogue with the collection of Duda Miranda, “Áurea” (2018), LÁFF, Hamburg and “Procession” (2016), Folley Gallery, New York.

SIMÓES DE ASSIS

São Paulo
rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba
al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315

Balneário Camboriú
3^a avenida, esquina c/ 3.150, sala 04
88330-260 sc brasil
+55 47 3224-4676